

# COLÓQUIO

História,  
Arte, Arqueologia,  
Geografia e Etnografia

IV JORNADAS DE VALORIZAÇÃO  
DO PATRIMÓNIO CULTURAL E NATURAL DE  
CONDEIXA-A-NOVA

13 de Fevereiro de 2016

ACTAS



*VERGÍLIO CORREIA  
IN MEMORIAM*

**ACTAS DO COLÓQUIO DE HISTÓRIA, ARTE, ARQUEOLOGIA,  
GEOGRAFIA E ETNOGRAFIA**

**VERGÍLIO CORREIA *IN MEMORIAM***

**IV JORNADAS DE VALORIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO CULTURAL E NATURAL  
DE CONDEIXA-A-NOVA – PARTICIPAÇÃO LIVRE**

---

**PROCEEDINGS SYMPOSIUM ON HISTORY, ART, ARCHAEOLOGY,  
GEOGRAPHY AND ETHNOGRAPHY**

**VERGÍLIO CORREIA *IN MEMORIAM***

**4TH CONFERENCE ON VALUING THE CULTURAL AND NATURAL  
HERITAGE OF CONDEIXA-A-NOVA - FREE ADMISSION**

**POUSADA DE CONDEIXA – COIMBRA**

**Rua Francisco de Lemos, 3-5 – 3150-142 Condeixa-a-Nova – 239944025**

**12-13 de Fevereiro de 2016**

**Sexta e Sábado**

---

**Edição – 6 de Julho de 2018**

---

**COMUNICAÇÕES**

---



ASSOCIAÇÃO  
COORDENADORA DE  
CONDEIXA



CONDEIXA  
MUNICÍPIO



União das Freguesias de  
Condeixa-a-Velha e Condeixa-a-Nova



EGA

**ARTIS**  
INSTITUTO DE HISTÓRIA DA ARTE  
FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE DE LISBOA



FCTUC DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA TERRA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO



ANOBR



Sebal Bellede  
União de Freguesias

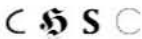
ONIMBRIGA



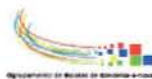
TURADOURO



**floema**  
do Rio de Janeiro



CENTRO DE HISTÓRIA  
DA SOCIEDADE  
E DA CULTURA



Município de Mafra



POUSADA DE CONDEIXA  
COMARCA



IJCT



MOSTEIRO DOS JERÓNIMOS



MOSTEIRO DOS  
JERÓNIMOS

# A GRUTA DO MEDRONHAL (ARRIFANA, EGA, CONDEIXA-A-NOVA) E A SUA IMPORTÂNCIA ARQUEOLÓGICA

---

**RAQUEL VILAÇA**

Instituto de Arqueologia, Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, CEAACP/FCT, rvilaca@fl.uc.pt

---

**JOÃO LUÍS CARDOSO**

Universidade Aberta, Academia das Ciências de Lisboa, Academia Portuguesa da História, Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras), cardoso18@netvisao.pt

---

**ANA MARIA SILVA**

Laboratório de Pré-história, CIAS – Departamento Ciências da Vida da Universidade de Coimbra; UNIARQ – Universidade de Lisboa; CEF – Universidade de Coimbra, amgsilva@antrop.uc.pt

**Resumo:** Nos anos 40 do século XX foram recolhidos, por mero acaso, diversos testemunhos arqueológicos na Gruta do Medronhal datáveis de inícios do I milénio a.C. Entre eles contam-se 37 artefactos metálicos (argolas, anéis, braceletes, etc.) a que se associam restos humanos e de animais. Serão apresentadas essas evidências, cujo estudo se encontra em preparação, e será valorizada a utilização, certamente funerário-ritual, da gruta. O seu enquadramento em termos regionais e da ocupação do território não será esquecido.

## 1. Nota prévia

A cerca de 3 Km de Condeixa-a-Nova, mais precisamente a seguir à aldeia de Arrifana, situam-se a gruta e o algar do Medronhal. São formações cársicas tal como muitas outras existentes por toda esta área, cuja distribuição acompanha, de um modo mais geral, a orla ocidental do Centro do território português. Algumas delas têm interesse arqueológico, seja porque serviram de abrigo a comunidades pré-históricas, ou até históricas, seja porque essas comunidades utilizaram tais espaços com finalidade funerária e ritual, ou com ambas as valências, conjuntamente.

No caso da gruta do Medronhal, em que se centra este texto, o reconhecimento do seu interesse científico a nível geológico remonta, pelo menos, a meados do século passado, tendo sido então registada como “Cova da Moura” em estudo publicado por António Ferreira Soares e L. Nabais Conde, que a descrevem com algum pormenor (Soares e Conde 1956: 12-14). Mais tarde, António Gama Mendes volta a referir-se-lhe no estudo monográfico que dedica aos tufos de Condeixa (Mendes 1985: 95).

Para além daquele, a gruta tem também grande interesse arqueológico, aspecto praticamente desconhecido. Brevíssima notícia relativa a essa vertente foi publicada no âmbito de síntese sobre o povoamento de finais da Idade do Bronze do sul da Beira Litoral (Vilaça 2012: 22). O estudo pormenorizado dos dados está ainda a decorrer, mas a importância do conjunto justifica uma apresentação, mesmo sumária, dos dados disponíveis, cujo contributo para o conhecimento das comunidades que habitaram a região em inícios do I milénio a.C. é relevante.

É esse o objectivo imediato deste texto<sup>1</sup>, que se pretende de leitura acessível para um público interessado mas não particularmente especializado. Explora-se o historial dos acontecimentos,

---

<sup>1</sup> Agradecemos ao Doutor Miguel Pessoa o convite para participarmos no *Colóquio História, Arte, Arqueologia, Geografia, Etnografia*, onde se apresentou a comunicação que deu origem a este texto.

caracterizam-se genericamente os espólios — materiais, fauna e restos humanos — valoriza-se o conjunto a nível local e regional.

Já durante o colóquio a que estas actas correspondem, tomámos conhecimento de um outro projecto (Palhas *et al.* 2016) versando o património natural e cultural em Arrifana — “Escola da Água” —, com o qual, futuramente, a arqueologia do Medronhal poderá articular-se numa perspectiva global e integradora de Património.

## 2. Identificação do interesse arqueológico da gruta

Na verdade, o conhecimento sobre o potencial arqueológico da gruta parece ter precedido o do seu interesse geológico, pois foi o achado casuístico, em 1944, de restos ósseos, bem como de alguns objectos metálicos, que chamou a atenção para a sua existência. Todavia, o assunto ficou como que “adormecido” durante mais de cinquenta anos.

Só em Junho de 2006, em circunstâncias igual e absolutamente imprevisíveis se tomou conhecimento da vertente arqueológica da gruta quando se localizaram os materiais num dos armários do antigo Instituto de Antropologia (actual Departamento Ciências da Vida) da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra. Visualizavam-se, através do vidro, umas caixas de papelão contendo ossos, humanos e de animais, e uns objectos de bronze a que ninguém nunca tinha prestado grande atenção. Aberto o armário, confirmou-se o inequívoco interesse do conjunto, que estava identificado com várias etiquetas como sendo da Gruta do Medronhal (Arrifana, Condeixa-a-Nova). Seguiu-se o conseqüente pedido de autorização para estudo junto dos responsáveis do Museu Antropológico da Universidade de Coimbra (adiante MAUC)<sup>2</sup>.

A natureza muito diversa dos testemunhos — a posteriori encontrou-se ainda uma conta de colar em pedra — exigiu a criação de uma equipa multidisciplinar<sup>3</sup> que tem prevista a publicação, num futuro próximo, do respectivo estudo monográfico.

Inicialmente, as informações eram quase nenhumas porque, tirando as fichas que acompanhavam os materiais, organizadas pela Dr.<sup>a</sup> Maria Augusta Rocha, Técnica Superior de investigação do referido Instituto, nada mais se sabia sobre o assunto<sup>4</sup>. O topónimo “Medronhal” não constava na bibliografia científica arqueológica. No MAUC não sabiam da existência desse conjunto, nem havia (ou há, ou é conhecida) qualquer outra informação nos arquivos do museu relativa ao modo (quando, por iniciativa de quem?) como os materiais deram entrada.

O facto de as etiquetas terem referência ao enquadramento administrativo da gruta facilitou, e muito, que dirigísse-mos a atenção para a aldeia de Arrifana. Neste particular, pudemos contar com o prestimoso auxílio do Doutor Miguel Pessoa, através do qual foi possível aceder à senhora D. Maria Augusta Madeira, viúva do achador, senhor José de Jesus Pita<sup>5</sup>. Dela ouvimos o relato, bem clarificante, do sucedido com seu marido, nascido a 17 de Outubro de 1918 e cabo-queiro de mós de profissão, tendo-nos igualmente conduzido ao local da gruta que conhecia bem e que, então, visitámos pela primeira vez.

As informações que disponibilizou foram cruzadas com uma segunda fonte oral em entrevista realizada na mesma altura ao senhor Joaquim de Oliveira Loreto (de Trás das Eiras,

<sup>2</sup> Agradecemos ao Museu Antropológico da Universidade de Coimbra, na figura do então seu coordenador Doutor Nuno Porto, a autorização concedida para estudo do espólio do Medronhal (ofício 370-MA/2006).

<sup>3</sup> Estão envolvidos neste projecto João Luís Cardoso, responsável pelo estudo da fauna; Ana Maria Silva, que estudou os restos humanos; Maria de Fátima Araújo (e colaboradores), que atenderam à vertente arqueométrica dos metais; António Huet Gonçalves e Manuel João Abrunhosa, que comentaram os resultados da análise do único artefacto lítico; e Raquel Vilaça que, em colaboração com o primeiro investigador, se debruça de modo particular sobre o estudo dos artefactos, valorização e interpretação arqueológica do conjunto.

<sup>4</sup> Agradecemos à Dr.<sup>a</sup> Maria Augusta Rocha todos os esclarecimentos prestados.

<sup>5</sup> Cumpre-nos agradecer, de novo, ao Doutor Miguel Pessoa, pelos contactos estabelecidos e também por nos ter acompanhado na visita efectuada em Setembro de 2006, primeiro a casa da senhora D. Maria Augusta Madeira, depois ao local da gruta.

Condeixa-a-Velha), nascido em 1926, e companheiro de profissão de José Pita nas décadas de 1930 e 1940, nas pedreiras situadas extra-muros, em Conímbriga.

Das informações de ambas as fontes ficámos a saber que foi no decorrer da sua actividade profissional que José Pita, ao deslocar uma laje para a base da encosta sul do 'vale do Madrinhal', a fim de nela talhar, a picão, uma mó dormente, deu conta que a mesma tapava a entrada de uma gruta com várias salas e corredores. Ao entrar, ter-se-á deparado (não sabemos como nem de que modo) com vários ossos e objectos metálicos.

A partir daqui nenhuma pista nos ilumina sobre o modo como chegaram a Coimbra os materiais e o que sucedeu (ou não sucedeu) entretanto.

O relato genérico destes acontecimentos tinha sido registado na monografia de A. Santos Conceição (*Condeixa-a-Nova* 1983<sup>2</sup>: 227) que, em segunda edição e com diversos acrescentos da responsabilidade exclusiva de José Maria Gaspar relativamente à primeira edição de 1941 (altura em que o achado ainda não se tinha realizado), nos relata que *"no dia 19 de Dezembro de 1944, quando José Pita cortava na rocha uma pedra para fazer a mó dum moinho, no monte do Medronhal [...] deu então com uma grande gruta onde se encontraram braceletes, anéis, argolas, objectos pertencentes à segunda época do bronze [...], e ainda machados de pedra e ossos petrificados"*. E nada mais se adianta. Todavia, a informação demonstra algum conhecimento sobre a natureza arqueológica das peças.

Os registos das etiquetas vão um pouco mais além, indicando que os achados ocorreram em distintos momentos, entre Dezembro de 1944 e Março de 1945 e depois ainda em Julho deste último ano, significando isto que, após o momento em que José Pita se deparou com a sua descoberta, prosseguiram as recolhas nos meses seguintes, até ao Verão de 1945. Terão sido promovidas exclusivamente pelo próprio ou envolvendo já outros, eventualmente ligados, por exemplo, aos trabalhos de escavação em Conímbriga? Não sabemos.

O facto de o achador ter convivido quotidianamente com participantes e responsáveis das descobertas realizadas em Conímbriga durante as décadas de 1930 e 1940, tendo conhecido, pessoalmente, o Prof. Vergílio Correia, de acordo com informação do segundo entrevistado, terá, decerto, proporcionado alguma consciencialização pelo interesse e preservação dos testemunhos arqueológicos.

É possível, mas é mera conjectura, que tenham sido entregues a alguém responsável que trabalhasse então em Conímbriga, que não Vergílio Correia, e que os fez chegar ao Instituto de Antropologia. Note-se que em Dezembro de 1944, quando os materiais apareceram, já Vergílio Correia tinha falecido, em Junho desse mesmo ano, tendo as escavações em Conímbriga todavia prosseguido por iniciativa da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, mas sem orientação científica arqueológica, só retomada em 1951 com o Prof. Bairrão Oleiro.

A abundância de restos ósseos, nomeadamente humanos, deverá ter ditado o encaminhamento de todo o acervo para o então Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra, tanto mais que, à época, não tinha ainda sido criado o Museu de Conímbriga, nem em Coimbra existia também ainda o Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras.

Mas por essa altura, a arqueologia na região de Condeixa tinha uma outra frente de trabalho. Naquele mesmo ano de 1944 o grande abrigo de Eira Pedrinha, conhecido como Covão d'Almeida, era identificado (não descoberto)<sup>6</sup> por Carlos Teixeira, geólogo e então professor na Universidade do Porto, que, de imediato, o escavou. Os trabalhos de campo foram concluídos a 12 de Maio de 1945 e deles resultou circunstanciada publicação (Corrêa e Teixeira 1949).

Não sabemos se estes dois episódios – os achados do Medronhal e as escavações em Eira Pedrinha –, para além das de Conímbriga, poderão ter proporcionado alguma troca de informação, ou algo mais, entre os diversos elementos envolvidos.

O certo é que, de algum modo, o espólio do Medronhal seguiu para o Instituto de Antropologia, em Coimbra. Ignoramos o motivo pelo qual nunca foram estudados, na íntegra, ou pelo

---

<sup>6</sup> O abrigo tinha sido já referenciado por Costa Simões (1854).



Fig. 1 – Imagem actual da entrada da gruta.

menos a parte antropológica que, aí, teria plena justificação. Porém, foi desenvolvido trabalho de inventariação e mesmo de identificação do conjunto das faunas, pois alguém elaborou, dactilografando e tendo deixado junto, sumária relação identificativa dos restos faunísticos, genericamente bem feita<sup>7</sup>.

### 3. A gruta e os achados

Em termos administrativos, a gruta do Medronhal pertence à freguesia de Ega, concelho de Condeixa-a-Nova. As suas coordenadas são: 40° 05' 13,62" N; 8° 31' 00,05" O; altitude c. 75 m (*Carta Militar de Portugal*, 1/25.000, folha 250, Soure, 1982). O acesso faz-se a partir da estrada que atravessa a aldeia e, chegando-se à antiga Escola Primária, corta-se à esquerda; percorre-se depois o caminho de pé posto que conduz à plataforma onde se encontra uma das entradas da gruta (Fig. 1).

Ao interesse geológico e arqueológico junta-se a dimensão especificamente espeleológica, o que proporcionou a realização do seu levantamento topográfico elaborado em 2007 pelo Núcleo de Espeleologia de Condeixa-a-Nova (NEC)<sup>8</sup> (Fig. 2). Na planta e alçados observa-se a existência de diversas salas e corredores de comunicação, estando igualmente identificadas duas entradas. Uma é vertical, em forma de poço, e a outra tem acesso sensivelmente horizontal, abrindo-se para a pequena plataforma supra referida.

Da visita realizada em 2012 ao seu interior a partir desta última entrada, foi possível confirmar *in loco* que o espaço, atingindo o comprimento aproximado de cerca de 65 m, é muito irregular como está bem expresso no levantamento topográfico, exigindo que em certos troços o percurso seja feito rastejando-se. Consequentemente, a gruta não oferece condições de habitabilidade permanente. Esta circunstância, a par da natureza do espólio recolhido, não é de somenos para a interpretação que propomos adiante para todo o conjunto e respectivo contexto.

Mas neste aspecto os constrangimentos são muitos, porque é completamente impossível reconstituir, mesmo de forma genérica, como estariam dispostos e associados, ou não, os diversos materiais, os restos ósseos humanos e não humanos, recolhidos, recorde-se, em distintos momentos. Mesmo as caixas (abertas) e as etiquetas (soltas) que se preservaram no MAUC não traduzem necessária, nem certamente, a recolha em campo dos respectivos conjuntos a que se

<sup>7</sup> A pesquisa realizada por um de nós (A.M.S.) nos arquivos documentais do MAUC no sentido de se obter alguma informação complementar revelou-se infrutífera.

<sup>8</sup> Agradecemos ao Eng.º Nuno Redinha, do NEC, a amabilidade pela cedência do levantamento topográfico da gruta e por ter acompanhado a visita de um de nós (R.V.) ao seu interior.

## Gruta da Arrifana

Arrifana, Ega, Condeixa-a-Nova

151 m / -17 m

NEC, Janeiro 2007

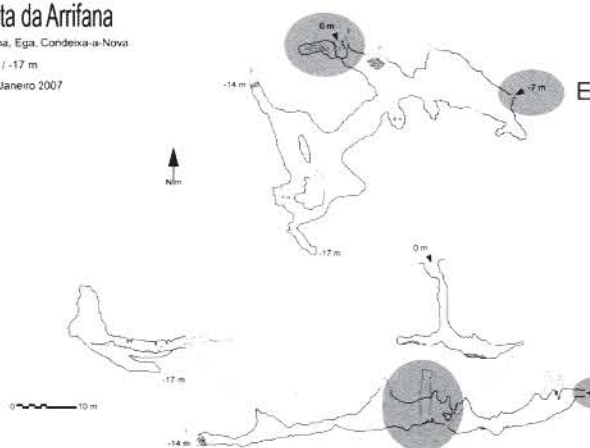


Fig. 2 – Topografia do interior da gruta, encontrando-se marcado com a letra E a entrada que se observa na figura 1 (levantamento efectuado pelo Núcleo de Espeleologia de Condeixa-a-Nova, com adaptações).

reportam. Efectivamente, havia caixas com mais do que uma etiqueta onde constava informação distinta, apontando para perturbações de identificação ocorridas em algum momento.

Por outro lado, é impossível identificar na gruta os locais precisos, ou mesmo aproximados, dos diversos grupos de materiais. Quaisquer considerações sobre a sua proveniência específica no interior da gruta são conjecturais, ainda que em certas etiquetas conste informação adicional que conduz a realidades topográficas diferenciadas, como veremos.

No total, encontravam-se seis grupos distintos (a identificação da numeração é nossa e aleatória, seguindo apenas a indicação genérica das datas). Eram os seguintes os materiais e informação constante em fichas dactilografadas em papel pardo (as fichas dos grupos 4, 5 e 6 encontravam-se avulsas entre os ossos):

Grupo 1 – “Condeixa-a-Nova, Gruta de Medronhal (Arrifana). 1 mola espiralada de fíbula. 2 anéis. Peças recolhidas desde Dezembro de 1944 a Março de 1945”.

Grupo 2 – “19 argolas de vários diâmetros, duas das quais partidas. Peças recolhidas desde Dezembro de 1944 a Março de 1945”.

Grupo 3 – “7 argolas de bronze. 1 argola de ? 1 argola de ? Recolhidas em 12.7.1945 (na parte superior da gruta)”.

Grupo 4 – “Condeixa-a-Nova, Gruta de Medronhal (Arrifana). 2 argolas de bronze encontradas em 13.7.1945 (na parte superior da gruta)”.

Grupo 5 – “Objectos recolhidos na galeria interna da Gruta do Medronhal em 21.7.1945”.

Grupo 6 – “Galeria inferior, o que se encontrou ao longo do aterro que veio da chaminé. Recolhidas em 20, 21, 23 e 24 de Julho de 1945”.

Em suma, os diversos testemunhos não formariam um único depósito de origem, mas parece que se distribuiriam por distintos núcleos, pelo menos recolhidos “na parte superior da gruta”, “na galeria interna” e “ao longo do aterro que veio da chaminé”. Mas onde localizar topograficamente de forma precisa esta informação? Não se nos afigura possível!

Também os grupos de materiais conservados nas várias caixas não corresponderão de modo inequívoco (nem sequer provável) aos conjuntos originais recolhidos na gruta. Quantos conjuntos? Pelo contrário, o acondicionamento parece ter sido filtrado, pelo menos em certos casos, por categorias de objectos e materiais, já que os metais estavam em caixas distintas daquelas que continham os ossos e destes tinha havido uma triagem genérica entre os humanos e a fauna.

Não sendo possível reconstituir os contextos originais de deposição, restando-nos o lote de materiais, vejamos o que nos dizem, ou antes, o que deles podemos dizer nesta abordagem genérica.

#### 4. Artefactos

Os artefactos arqueológicos perfazem um total de 38 peças, todas elas metálicas, com excepção de 1 conta de colar. Do acervo arqueológico desta gruta deve ser sublinhada a total ausência de cerâmica. Tecem-se, seguidamente, apenas algumas observações genéricas.

A conta de colar, de cor esbranquiçada, encontrava-se solta entre os ossos, aparentemente aí misturada de forma inadvertida talvez pela sua tonalidade clara idêntica à daqueles. Em cherte, ou sílex, é muito provável que tenha sido obtida a partir de nódulo proveniente das formações calcárias regionais, ou mesmo locais.

Entre os artefactos metálicos, num total de 37, todos em ligas de cobre e estanho (Figueiredo *et al.* 2013),

contam-se 1 fíbula de dupla mola, 5 braceletes, 2 anéis, 1 pequeno aro e 28 argolas. De um modo geral, encontram-se bem conservados, embora algumas das peças estejam incompletas.

É essa a situação da fíbula, praticamente idêntica a uma outra de Conímbriga. Trata-se de importante elemento de indumentária (Fig. 3)<sup>9</sup>, a que falta o fuzilhão, ou seja, a agulha com a qual se prendia a roupa, e parte do descanso, onde aquele encaixava, numa solução tecnicamente semelhante à dos alfinetes de dama.

Os braceletes, três dos quais estão completos, poderiam ser usados quer nos braços, quer nos tornozelos, só um por pessoa, ou vários simultaneamente, não sabemos. Totalmente lisos e de distinta robustez, têm dimensões várias (Fig. 4). A nível regional, conhecem-se outros seis muito semelhantes, provenientes do depósito de Coles de Samuel (Soure) (Pereira 1971; Vilaça 2016: 30-37), igualmente constituído por machados, foices e escopro encontrados casualmente todos juntos numa suave encosta na “Horta do Casalinho” (Samuel) pelo senhor Martins (Ferreira e Lapa 1991, ficha nº 14). Haverá também sintonia cronológica entre estes materiais e os de Medronhal.

Os anéis são, tal como as argolas, fechados e circulares mas distinguem-se delas pela sua estrutura laminar, muito fina (Fig. 4). Conta-se ainda pequeno aro, igualmente laminar, podendo corresponder a elemento de colar.

Os restantes 28 artefactos correspondem a argolas de tamanho diverso (Fig. 5). A sua funcionalidade específica é difícil de determinar, considerando-se antes que seriam peças multifuncionais, utilizadas talvez mais como elementos complementares de mecanismos diversos, como elementos de ligação e de suspensão, não se descartando, porém, um uso como peças de adorno.

As 37 peças metálicas foram analisadas tendo revelado serem de bronze (ligas de cobre e estanho), este com cerca de 10 a 15%, e baixo teor de impurezas de arsénio e chumbo, não se tendo verificado variações na composição das ligas em função da tipologia dos artefactos (Figueiredo *et al.* 2013). Tais resultados são muito semelhantes às composições do bronze manufacturado durante o Bronze Final no Centro do território português.

#### 5. Os restos ósseos humanos

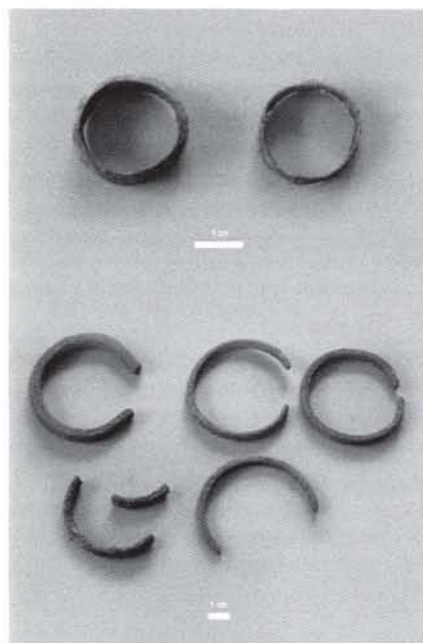
As 550 peças ósseas ou dentárias humanas recuperadas desta gruta encontram-se bem preservadas, muito fragmentadas e alteradas por acção de fungos, raízes de plantas e marcas de dentes de roedores. Pertencem a um mínimo de 11 indivíduos, 5 adultos (incluindo 3 femininos) e 6 não adultos. Entre os adultos, foram identificados dois adultos jovens (entre os 20 e 30 anos) e, pelo menos, um indivíduo idoso (> 50 anos). Os não adultos incluem crianças que terão falecido com menos de 5 anos de idade, 6 anos, 7 anos, 10/12 anos e dois adolescentes (15-17 anos).

A análise morfológica dos ossos longos revela indivíduos não muito robustos, com diáfises de fémures achatadas, ao contrário das tíbias. Estes resultados sugerem um maior stress

<sup>9</sup> Agradece-se ao Dr. José Luís Madeira, Técnico Superior do Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra a concepção do manequim da Fig. 4, bem como a elaboração da Fig. 9.



**Fig. 3** – Fíbula e infografia demonstrando o uso prático deste tipo de objecto (concepção de José Luis Madeira).



**Fig. 4** – Bracletes (imagem inferior) e anéis (imagem superior) de bronze.



**Fig. 5** – Argolas de bronze com dimensões, conservação e tipos de fabrico diversos.

biomecânico sobre a região proximal do fémur, o que poderá traduzir uma elevada mobilidade no dia-a-dia destes indivíduos, agravada por uma topografia local acidentada. Entre as variações anatómicas não métricas, destaca-se a presença de dois terceiros metacarpianos (ossos da mão) sem processo estilóide, ou seja, possuem um pequeno ossículo – *os styloid* (Fig. 6). A presença deste osso supranumerário não é muito documentada em populações arqueológicas e é, segundo alguns autores, um indicador de afinidade genética entre indivíduos, ou seja, permite sugerir parentesco entre alguns indivíduos depositados nesta gruta.

Em termos de evidências de doenças, sobressaem os sinais de infecção não específica em diversos tipos de ossos do esqueleto. Nos não adultos destaca-se um fragmento de órbita esquerda com sinais de infecção activa com uma extensa deposição de osso novo, para além de seis fragmentos de diáfises de ossos longos, três dos quais com lesões activas na altura da morte dos indivíduos. Nos restos ósseos de adultos destacam-se três fragmentos de costelas que na superfície interna apresentam deposição de osso novo traduzindo a presença de uma infecção activa na altura da morte. Não se pode excluir que estes fragmentos pertençam ao mesmo indivíduo. Nos restantes ossos foram observados sinais de infecção em diáfises de fémures (três de forma activa com deposição de osso novo) e em tíbias (todas lesões remodeladas). Num corpo de vértebra lombar foi observado um pequeno achatamento na superfície anterior acompanhado de alterações ósseas que parecem corresponder a um processo infeccioso remodelado. Os 41 dentes definitivos revelam um desgaste dentário baixo. Em 17, foram observados depósitos mínimos de tártaro e em quatro dentes inferiores lesões cariogénicas. Sinais de stress fisiológico sob a forma de linhas de hipoplasias do esmalte dentário foram observados em três caninos, dois dos quais provavelmente pertencentes ao mesmo indivíduo que terá falecido entre os 10,6 e 12,4 anos. Nestes, são visíveis 4 linhas hipoplásicas, confirmando que o indivíduo esteve sujeito a 4 períodos de stress fisiológico severos dos quais recuperou. Para além dos casos descritos, um fragmento de osso frontal direito apresenta porosidade na órbita, um sinal de stress fisiológico específico designado por *cribra orbitalia* (Fig. 7). Esta é geralmente atribuída a situações de anemia, ainda que outras etiologias incluam infecções da região ocular. Este osso craniano apresenta ainda, vários sinais de infecção na sua superfície endocraniana.

Os sinais de patologia degenerativa são escassos na presente amostra. Apenas incluem casos não articulares, de grau mínimo nos ligamentos de vértebras torácicas, lombares e de dois úmeros.

As inferências sobre as práticas funerárias são escassas face à ausência da documentação sobre as condições dos achados. Ainda assim, a recuperação de ossos de todas as partes do esqueleto, de adultos e não adultos, de ossos longos simétricos, permite sugerir que esta gruta serviu de local primário de inumação para uma comunidade humana que provavelmente viveria próximo<sup>10</sup>.

## 6. Os restos ósseos não humanos

Os restos faunísticos recolhidos na gruta do Medronhal apresentam-se bem conservados, o que se deve à natureza do ambiente geoquímico em que foram depositados, de natureza carbonatada. Com efeito, observou-se mesmo uma placa estalagmítica que ostenta, entre diversos restos ósseos, uma hemimandíbula de cão incrustada (Fig. 8). Esta peça fornece, por outro lado, importante indicação acerca do modo de jazida dos restos faunísticos, os quais se dispersariam pelo chão da cavidade, provavelmente em parte como resultado das acções da circulação da água subterrânea, em época ulterior à sua deposição, a qual se admite ter ocorrido em curto intervalo de tempo.

Além de bem conservados, são excepcionais os que ostentam marcas antrópicas de esquartejamento, esfolagem ou descarnação, indício da baixa intensidade de manipulação das carcaças

<sup>10</sup> Agradecemos ao Doutor Rui Boaventura e à Doutora Teresa Ferreira pela leitura prévia do trabalho e pelas sugestões apresentadas.



Fig. 6 - Terceiros metacarpianos esquerdos (n=2) e direitos (n=3) recuperados da gruta do Medronhal onde é visível que dois (assinalados com círculo branco), não possuem processos estilóides.

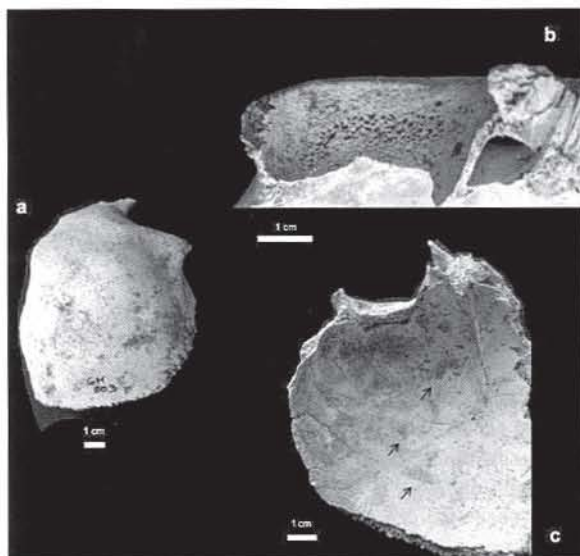


Fig. 7 - Metade direita de osso frontal (GM 503) recuperado da gruta do Medronhal; b - *cribra orbitalia* (porosidade) na órbita direita; c - Vista endocraniana do osso frontal onde estão assinalados várias alterações associadas a um processo infeccioso.

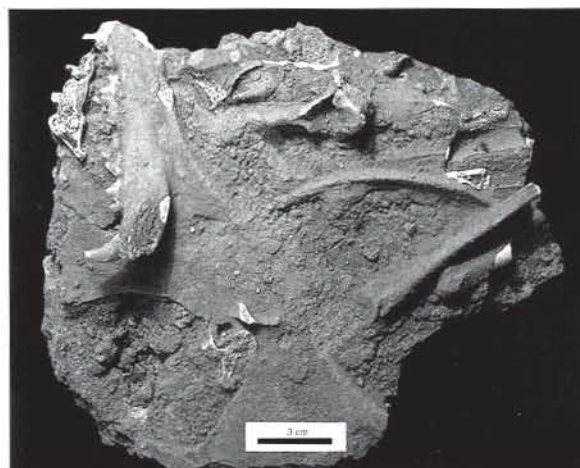


Fig. 8 - Fragmento de placa estalagmítica com diversos restos faunísticos incrustados, destacando-se uma hemimandíbula de cão doméstico (Foto J.L. Cardoso).

dos animais, designadamente para fins culinários: com efeito, os ossos apresentam-se com um índice de fracturação pouco intenso, reforçando o carácter ritual do conjunto, funcionando como oferenda.

O conjunto recolhido na gruta do Medronhal reveste um carácter ritual, já que na larga maioria dos casos, os segmentos anatómicos se conservaram com escassas alterações antrópicas, correspondendo a deposições de animais inteiros, ou a porções das suas carcaças. É tendo presente esta realidade que se deverá abordar a composição do conjunto, face às espécies nele representadas.

Assim, o boi doméstico (*Bos taurus*) encontra-se representado apenas por um fragmento de osso longo (porção proximal de cúbito).

O conjunto constituído por restos de caprinos (*Ovis aries/Capra hircus*) é, de longe, o mais abundante, correspondendo-lhe o total de 418 restos identificados. A frequente ocorrência de falanges sugere, por outro lado, que os animais eram depositados na gruta sem serem esfolados. A presença de indivíduos juvenis é relevante, ascendendo a 87 exemplares. Tais exemplares encontram-se igualmente distribuídos por todas as partes do esqueleto, comprovando que a deposição de cabras e ovelhas adultas foi acompanhada por exemplares juvenis e subadultos.

Do grupo dos suídeos, que corresponderá essencialmente à forma doméstica (*Sus domestica*) foram reportados 44 restos, pertencentes a todas as partes do esqueleto, tal qual o verificado anteriormente com o grupo dos ovino-caprinos, reforçando a ideia da deposição de animais inteiros ou através de grandes porções da respectiva carcaça. De igual modo, a importância de animais juvenis é muito mais alta, pertencendo-lhes 34 dos restos identificados.

O cavalo (*Equus caballus*) é espécie apenas representada por 16 restos identificados, pertencendo-lhe pelo menos dois indivíduos, um dos quais um adulto senil; a distribuição dos segmentos anatómicos mostra que estão presentes partes de todas as partes do esqueleto, desde o crânio até aos ossos das extremidades dos membros, configurando situação análoga à identificada para os grupos anteriormente abordados.

Identificaram-se dois ossos longos do membro anterior de um pequeno equídeo, talvez do mesmo indivíduo, respectivamente um humero e um rádio, ambos incompletos. As medidas obtidas para ambos são nitidamente inferiores a *Equus caballus antunesi*, animal que, no decurso do final do Plistocénico ocupou a região em causa (Cardoso e Eisenmann 1989). No entanto, afirmam-se superiores a exemplar pertencente a um pequeno burro actual.

Sabendo-se que a introdução de *E. asinus* se verificou muito antes do que até agora era admitido, uma vez que remonta à segunda metade do terceiro milénio a.C., conforme foi demonstrado em Leceia, Oeiras (Cardoso *et al.* 2013), é lícito admitir a pertença eventual destes restos a burro doméstico.

O cão doméstico (*Canis familiaris*) é outra espécie presente, estando representada por 31 restos, todos de indivíduos adultos; estão presentes todas as partes do esqueleto, sugerindo que os corpos dos animais eram depositados inteiros na cavidade, sem no entanto se excluir que correspondam simplesmente a carcaças de animais que para ali foram arremessadas.

As espécies selvagens – excluindo a presença do pequeno equídeo, a que anteriormente se fez referência – encontram-se representadas pelo lince ibérico (*Lynx pardina*) e pelo coelho (*Oryctolagus cuniculus*), necessariamente bravo, dada a época de formação do depósito, não sendo possível descartar a sua presença ocasional na cavidade.

## 7. Enquadramento cronológico, cultural e cultural

De um ponto de vista tipo-cronológico, os artefactos aqui apresentados remetem para uma cronologia do séc. IX-VIII a. C., correspondente à fase de transição do Bronze Final para a I Idade do Ferro.

Por um lado, temos os braceletes e as argolas, ambos tipos com grande expressividade nos contextos do Bronze Final indígena, nomeadamente do Centro do território português, entre finais do II e inícios do I milénios a. C. Tudo indica, aqui e em outras situações, que o seu uso

ter-se-á prolongado até ao séc. VIII a.C., podendo tal longevidade ser compreendida pela sobrevivência dos tipos ou até pela transmissão de peças de uma geração para outra, pois em algumas o desgaste é evidente.

Por outro lado, estão presentes tipos estranhos à tradição desse mundo, como é a fíbula de dupla mola, um artefacto de inspiração mediterrânea, cuja variante, das mais antigas, é inserível no séc. VIII a. C.

A cronologia entre finais do séc. IX a. C. e inícios do séc. VIII a. C. que propomos como mais provável para todo o acervo encontra ainda fundamento na datação absoluta obtida através do método do Carbono 14. Foi efectuada a partir de fragmento de diáfise de um perónio humano, cujo resultado (Beta - 223996: 2650±40 BP), calibrado a 2 sigma, traduz-se num período entre 890-870 cal BC e 850-780 cal BC.

Os testemunhos arqueológicos na sua globalidade, não obstante os enormes constrangimentos interpretativos decorrentes das circunstâncias em que foram encontrados, com total ausência de registos escritos, fotográficos e gráficos, permitem dizer, ainda assim, que estamos perante um contexto de natureza funerária e cultural.

Tal contexto expressa, de modo inequívoco, a prática do ritual de inumação ou simples deposição, aspecto que confere, a par de outros, um forte cunho indígena adscrito à comunidade que escolheu a gruta para sepultar os seus mortos.

É ainda possível afirmar que houve por parte dos homens e das mulheres de então uma escolha deliberada de artefactos cuja presença seria fundamental, no seu modo de pensamento, na derradeira viagem dos seus mais próximos. No conjunto destacam-se os artefactos correspondentes a objectos de adorno, como braceletes, anéis, e fíbula, além da conta de colar, numa evidente selecção de peças, entre muitas alternativas possíveis, como armas e instrumentos de trabalho. Para além do seu carácter funcional, particularmente presente na fíbula, terão sido outros motivos associados à elevada carga simbólica conferida pelas comunidades a tais artefactos, ou à associação deles entre si, que terá justificado a sua preferência.

Deve ser ainda mencionado um outro dado. Em algum momento foi recolhido na gruta, nas redondezas, ou no vale do Medronhal, não se sabe por quem, pequeno machado de pedra cujo paradeiro está ainda por localizar e de que existe esboço conservado no Museu Municipal Dr. Santos Rocha (Figueira da Foz), ainda inédito, a publicar oportunamente.

O expressivo indigenismo do acervo metálico do Medronhal, apesar da presença de artefactos como a fíbula, manifesta-se ainda na composição do metal, com ligas absolutamente típicas das produções indígenas do Bronze Final. A grande homogeneidade que revelam entre si, não obstante existirem peças de distinta tradição formal e funcional, afasta a hipótese de diferentes modos de utilizar o bronze, aspecto muito interessante.

Ficou também demonstrado que o contexto em apreço é representativo de uma comunidade que sepultaria, sem distinção, os seus mortos no mesmo espaço. Neste âmbito, trata-se de um cemitério no pleno sentido do termo, onde se encontram indivíduos de distintos níveis etários e de sexo diferente. Não dispomos de informação quanto às possibilidades de ter havido alguma distribuição espacial diferenciadora, precisamente porque se perderam as associações contextuais entre os restos humanos e os objectos.

Portanto, pessoas e objectos com elos perdidos, acontecendo o mesmo com as pessoas e os animais. Teria cada indivíduo a sua oferenda animal, correspondente a alimento? Todos, conjuntamente, foram manipulados, escolhidos e dispostos intencionalmente por motivos de ordem ritual.

Por outro lado, a escolha de uma gruta como cemitério não terá sido indiferente, antes valorizada por se tratar de um lugar natural por excelência, com forte carga simbólica, propício a encenações culturais e rituais de comunicação entre mundos opostos, de vida e de morte. Digamos que a sacralização da morte era marcada pela profundidade da terra. Também neste aspecto se revela a expressiva marca indígena do acervo do Medronhal, dando continuidade, neste aspecto específico, à ancestral tradição de enterrar e cultuar os mortos em contexto de gruta.

Estas pessoas, estes animais, estes objectos e este lugar consubstanciaram um processo cultural e cultural dinâmico. Nesse cenário de há cerca de 2800-2700 anos de cuja existência, um

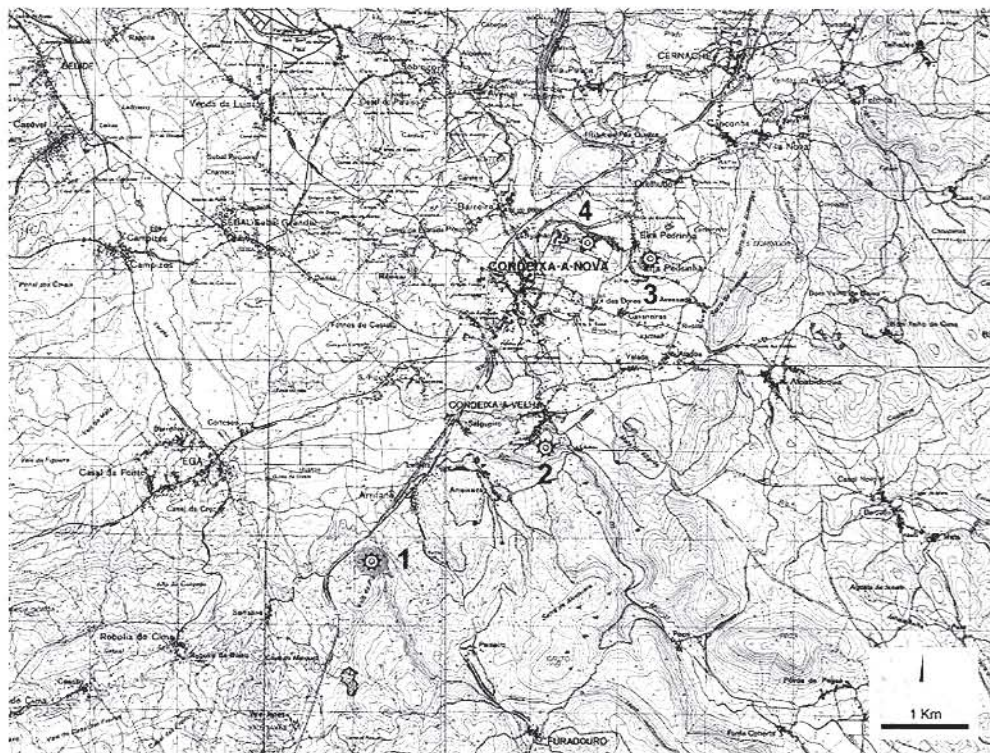


Fig. 9 – Localização da gruta do Medronhal no seu contexto arqueológico regional de finais do II-inícios do I milénio a.C.: 1 (Medronhal), 2 (Conimbriga), 3 (Alto do Castelo), 4 (Covão d'Almeida)

dia, José Pita deu conta, novos personagens – os investigadores – procuram agora, setenta anos depois do achado e num duplo exercício de aproximação, acercarem-se de uma realidade que já não o é. Nem a que José Pita observou, ainda que dela possam existir resquícios soterrados, nem a das comunidades cuja memória material se confina a fragmentos ósseos, a materiais soltos e inertes, comunidades que a espessura do tempo e outros tempos fazem delas, aos nossos olhos, eternos estranhos.

Em conclusão, o conjunto do Medronhal parece expressar interessante simbiose entre a tradição indígena e algumas das novidades mediterrâneas, que terão sido incorporadas pela comunidade local numa altura em que, regionalmente, a presença do Mediterrâneo se fazia sentir através da presença de Fenícios, ou de populações do sul da Península por eles influenciados, que procuraram o antigo estuário do Mondego, via natural de acesso ao interior beirão, rico em minérios e metais, que a todos interessava. A porta de entrada situou-se em Santa Olaia (Figueira da Foz), o primeiro sítio de influência fenícia identificado em Portugal, nos derradeiros finais do séc. XIX, graças ao meritório trabalho de Santos Rocha aí realizado e que deu origem a importante publicação, ainda hoje de referência (Rocha 1971).

A cartografia, não do povoamento de finais do II-inícios do I milénio a. C., mas a que o conhecimento permite assinalar (Fig. 9) mostra que, a nível regional, aquele se terá estruturado em função dos quatro grandes afluentes da margem sul – o Pranto, o Arunca, o Ega/Mouros e o Corvo – conforme revelam diversos achados (Vilaça 2012).

A comunidade que enterrou seus mortos no Medronhal deveria habitar por perto. Sem podermos dizer onde, diremos que não será despropositado identificar o seu solar em Conimbriga, pelos materiais aí encontrados (Correia 1993), contemporâneos dos de Medronhal, e pela proximidade entre os dois sítios.

Embora mais afastado, seria também admissível reportá-lo ao Alto do Castelo, elevação junto a Eira Pedrinha, onde foi encontrado um objecto de bronze possivelmente utilizado no trabalho do couro e de cronologia sensivelmente idêntica (Vilaça 2012: 20, fig. 2).

Em função do critério proximidade, poderíamos igualmente admitir como alternativa o pequeno outeiro onde se ergueu o Paço da Ega, situado a Noroeste da gruta do Medronhal. Para além da localização estratégica do sítio, sobranceiro ao Rio de Mouros, os achados cerâmicos de fabrico manual e os nódulos de “barro de cabana” aí ocorridos, que se admitiu serem calcolíticos ou da Idade do Bronze (Revez 2012: 52, 55), poderão denunciar uma ocupação pré ou proto-histórica<sup>11</sup>.

Em suma, os achados da gruta do Medronhal e respectivo estudo revelaram aspectos sobre os nossos antepassados e há quase três milénios, que nos eram desconhecidos, e vieram colocar, como quase sempre acontece, outras questões para as quais nem sempre há respostas. A continuidade da investigação nesta região estruturada pelo Rio dos Mouros é, por conseguinte, uma necessidade que se impõe.

## Bibliografia

- Cardoso, J. L. & Eisenmann, V. (1989) – *Equus caballus antunesi*, nouvelle sous-espèce quaternaire du Portugal. *Palaeovertebrata*. Montpellier, 19 (2), p. 47-72.
- Cardoso, J. L.; Vilstrup, J.; Eisenmann, V. & Orlando, L. (2013) – First evidence of *Equus asinus* L. in the Chalcolithic disputes the Phoenicians as the first to introduce donkeys into the Iberian Peninsula. *Journal of Archaeological Science* 40, p. 4483-4490. Elsevier.
- Corrêa, A. M. & Teixeira, C. (1949) – *A Jazida Pré-histórica de Eira Pedrinha (Condeixa)*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- Correia, V. H. (1993) – Os materiais pré-romanos de Conimbriga e a presença fenícia no Baixo vale do Mondego. *Estudos Orientais [Os Fenícios no Território Português]*. Lisboa IV, p. 229-283.
- Crubézy, E. (1988) – *Interactions entre facteurs bio-culturels, pathologie et caracteres discrets. Exemple d'une population médiévale, Canac, Aveyron*. Thèse de Doctorat en Médecine, Montpellier, Université de Montpellier.
- Ferreira, A. M. & Lapa, F. (1991) – *Carta Arqueológica do Concelho de Soure: segunda fase*. Soure: Câmara Municipal de Soure (policopiado).
- Figueiredo, E., Araújo, M. F., Silva, R., Vilaça, R. (2013) – Characterisation of a Proto-historic bronze collection by micro-EDXRF. *Nuclear Instruments and Methods in Physics Research B* 296, p. 26-31.
- Mendes, A. G. (1985) [1974] – Os Tufos de Condeixa. Estudo de Geomorfologia. *Cadernos de Geografia* 5, p. 53-119.
- Palhas, J., Almeida, E., Ribeiro, S. e Morais, P. (2016) – O Projecto da *Escola da Água*, em Arrifana. *Colóquio História, Arte, Arqueologia, Geografia, Etnografia*. Condeixa-a-Nova.
- Pereira, M. A. H. (1971) – O esconderijo do bronze final de Coles de Samuel (Soure), *Arqueologia e História*. 9ª série. III, p. 165-174.
- Revez, A. L. (2012) – Trabalhos arqueológicos no projecto de recuperação do Paço da Ega (2007-2009). *Arqueologia Medieval* 12, p. 41-57.
- Rocha, A. S. (1971) – *Memórias e Explorações Arqueológicas [Estações Pré-romanas da Idade do Ferro nas vizinhanças da Figueira]*. Coimbra: Acta Universitatis Conimbrigensis.
- Silva, A. M. (1996) – *O Hipogeu de Monte Canelas I (IV – III milénios a.C.): Estudo paleobiológico da população humana exumada*. Trabalho de síntese das Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica. Coimbra: Departamento de Antropologia, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.
- Simões, A. da Costa (1854) – Grutas de Condeixa, *O Instituto*, II, p. 43-45.
- Vilaça, R. (2012) – Arqueologia do Bronze no Centro-Sul da Beira Litoral e Alta Estremadura (II-I milénios a.C.). *Actas do Colóquio Olhares sobre a História, a Arqueologia e a Geologia de Vila Nova e da Serra da Lousã*. Vila Nova/Miranda do Corvo, p. 16-32.
- Vilaça, R. (coord.) (2016) – *O Instituto de Arqueologia. Fragmentos da sua colecção*, Imprensa da Universidade de Coimbra <http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-1124-2>

<sup>11</sup> Por deferência da Dr.<sup>a</sup> Ana Revez, a quem se agradece, estes materiais (um bordo direito e fragmentos de bojo) foram observados por um de nós (R.V.), confirmando-se o seu fabrico manual, bem como a existência de ‘barro de cabana’, mas não foi possível confirmar a cronologia proposta.